

7.10.99 - Teologia

## **CORRENTES AO CHÃO E CLAMORES AO ALTO: A MÍSTICA DA LIBERDADE NA TEOPOÉTICA DE PAULINA CHIZIANE**

Gustavo Ferreira dos Santos<sup>1</sup>, Ceci Maria Costa Baptista Mariani<sup>2</sup>

1. Estudante da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)
2. Cientista da Religião, teóloga e professora na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) - Faculdade de Teologia

### **Resumo**

Indicada em 2005 ao Prêmio Nobel da Paz, a moçambicana Paulina Chiziane é a primeira mulher a ter um romance publicado em seu país, e articula em sua produção um apelo por uma África livre dos colonialismos que ainda hoje figuram em suas estruturas sociais, políticas, econômicas e mesmo culturais. Sua obra é capaz de conferir não apenas voz, mas espírito ao clamor por liberdade de seu povo.

Em sua primeira obra de poesias “O canto dos escravizados” (2018), Chiziane conclama seu povo a unir suas vozes para uma vida que reverencie a experiência sagrada de sua cultura, sem as interferências e vilipêndios causados pelas concepções mística e teológica oriundas da colonização europeia.

Em diálogo com o conceito de “mística de olhos abertos” de Johann Baptist Metz, sob a metodologia de analogia estrutural, este trabalho busca explorar e demonstrar na obra de Chiziane, a riqueza teopoética africana a partir da ótica mais adequada e a mais negligenciada ao longo da história, isto é, a dos filhos da África.

**Palavras-chave:** Teologia; Literatura; Decolonialismo

**Apoio financeiro:** CNPq

**Trabalho selecionado para a JNIC:** Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

### **Introdução**

Nascida em 1944 em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique, Paulina Chiziane foi considerada uma autora provocativa por ter desafiado as críticas e resistências culturais e sociais do seu país. Sendo a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Chiziane está no universo dos escritores africanos contemporâneos que privilegiam as narrativas legadas pela rica tradição oral de suas culturas. Sua escrita é permeada por uma eloquente crítica às marcas ainda vigentes da recente dominação europeia, inclusive com um rígido discurso dirigido também aos seus compatriotas que ainda nos dias de hoje submetem-se ideologicamente à colonização.

Desta forma, a obra de Chiziane colabora para uma formação identitária de seu país, uma vez que sua literatura traz à luz uma série de realidades da cultura africana que só alcançam sua plena significação quando apresentadas por seus legítimos especialistas: os filhos da África. Já na maturidade de sua produção, após uma série de romances reconhecidos e premiados internacionalmente, Chiziane lançou em 2018 sua primeira obra poética, dando voz aos sentimentos mais profundos de seu povo e sua terra. Ainda que seu ponto de partida não seja a elaboração de uma obra teológica, Paulina Chiziane permeia seus poemas com um aguçado teor místico. Em toda coletânea, mas particularmente nesta sessão, a África ganha não apenas uma voz, mas um verdadeiro espírito que clama pela vida, justiça e liberdade plena de seus filhos. Este trabalho se deu em diálogo com o conceito de mística de olhos abertos de Johann Baptist Metz, como instrumental de investigação dos elementos místicos presentes em uma obra que não tem, em sua gênese, a pretensão de um olhar teológico da realidade.

Emana do contexto histórico-cultural que circunda a produção de Chiziane, os elementos fundamentais para a busca em sua literatura poética as características que demonstram o valor místico e identitário que permeia sua obra. Nesse sentido, é objetivo deste trabalho lançar um olhar acurado sobre as poesias de Chiziane a fim de explorar seu apelo não somente literário ou espiritual, mas profundamente consciente e crítico às condições atuais de seu povo, cenário fértil para o desenvolvimento do conceito de mística de olhos abertos, tão caro a esta investigação.

### **Metodologia**

O aspecto metodológico desta pesquisa baseia-se na concepção de que a teopoética situa-se como uma singular intersecção entre teologia e literatura, o que exige um aparato interdisciplinar para uma análise coerente e capaz de abarcar a investigação aqui proposta. A relação entre estas duas ciências tem-se verificado cada vez mais estreita e fecunda, de forma que Pie Duployé (1964) chega a afirmar que “na medida em que uma teologia concede à imagem, ela tende a se tornar ela própria uma literatura. A relação que uma teologia mantém com a imagem é exatamente, então, aquela que ela mantém com a literatura” (Apud. BARCELLOS, 2000, p.36). Nesse sentido, tomando a “literatura como ‘lugar teológico’” (CHENU, 1969) por excelência, a leitura da obra de Paulina Chiziane se conceberá da seguinte forma: como fonte primária, tomar-se-á sua obra poética O Canto dos Escravizados, que entre os 108 poemas que a compõe será recortada em uma quantidade reduzida e

limitada de trechos a serem analisados, com especial destaque aos livros III e IV, intitulados “Canto de resistência” e “Transcendência”, respectivamente. Em um segundo momento, a pesquisa será apoiada por fontes secundárias, constituída por ao menos mais uma obra da autora, como maneira de imersão em seu contexto e estilo literários, além da obra “Mística de Olhos Abertos”, de Johann Baptist Metz, como subsídio conceitual para a aproximação objetivada pelo trabalho.

Esta aproximação da obra poética de Chiziane sob o prisma da Teologia apoia-se na concepção metodológica de analogia estrutural proposta por Karl-Josef Kuschel. Segundo ele “Com esse método, torna-se possível considerar seriamente também a experiência e a interpretação literária em suas correspondências com a interpretação (cristã) da realidade, mesmo quando a literatura não tem caráter cristão ou eclesial. E buscar correspondências não significa 'cooptar' o objeto analisado, apropriar-se dele. Pensar em termos de analogias estruturais significa justamente evitar que a interpretação literária da realidade seja cooptada como cristã, semicristã ou anonimamente cristã.” (KUSCHEL, 1999, p.222 apud. BARCELLOS, 2000, p.23).

## Resultados e Discussão

Do seio da África, Paulina Chiziane é uma figura que marca nosso tempo com um autêntico grito pela liberdade prática e efetiva de um continente ainda hoje marcado por tantas formas de colonialismo. Mais do que uma abordagem sistêmica de cunho decolonial, os escritos de Chiziane são um verdadeiro conchamar ao povo africano por uma ressignificação da própria identidade, um hino à dignidade outrora roubada pelas mãos dos exploradores.

Na obra base desta pesquisa, “*O canto dos escravizados*”, Paulina Chiziane abre seu trabalho com uma seleção de poemas em forma de um testamento de um escravizado, sendo precisamente este o título do primeiro capítulo. No jogo semântico com que estabelece essa relação paradoxal entre a categoria escravo e a ideia de uma herança testamentada, a autora explicita já de início a empreitada que se debruçará ao longo da obra: existe no histórico sofrimento africano causado pela escravidão uma força capaz de impulsionar uma mística da liberdade diante das novas opressões. É precisamente com essa construção poética que Chiziane acaba por ilustrar aquilo que será a tônica de sua literatura: à África urge viver seu êxodo identitário, deixando as amarras da escravidão do passado e do presente em direção à reconstrução da dignidade e da nobreza que lhe é devida. Ainda que jamais tenha se autoproclamado teóloga e tampouco espere reconhecimento como tal, Paulina Chiziane demonstra em poucas linhas como sua poesia está encharcada de uma experiência mística e de um olhar ascendente da história de seu povo, isto é, desde que lida sob as lentes de uma teologia capaz de renunciar a uma ortodoxia conceitual europeia que, por vezes, anestesia a sensibilidade ao transcendente que emana das vicissitudes da existência humana. É precisamente neste ponto que Metz ganha sua relevância a este trabalho.

É no horizonte de uma “linguagem do grito” que Metz reconhece no sofrimento humano também o sofrimento de Deus, que no clamor dos homens marcados pelas feridas da história, se torna possível experimentar de uma consoladora mística do sofrimento em Deus. Em uma de seus poemas, intitulada *Aqui estamos*, Paulina Chiziane ilustra aquilo que Metz indicara em sua elaboração conceitual: “Ensina, África, ao mundo inteiro/ Que Deus existe pelo milagre da tua sobrevivência/ Somos milhões de filhos de escravizados pelo mundo/ Separados, nós erguemos num só grito: Aqui estamos para lutar e vencer E construir, a cantar, uma África de liberdade!” (CHIZIANE, 2013, p. 57).

A poesia de Paulina Chiziane obriga seu leitor a um mergulho não apenas no contexto histórico-cultural de uma África marcada pela opressão colonial, mas exige que ele se incline à sua própria consciência histórico-social. Para tanto, a poesia de Chiziane está permeada pelo espírito característico da experiência popular de Deus, capaz de exprimir sua identidade cultural e reivindicar o lugar que lhe é devido em meio à dominação. De acordo com Villas Boas (2017, p.07), as expressões da religiosidade popular “ainda que dominada e subjugada por outras; apresentam sua visão e compreensão de mundo e de humanidade, sua proposta de um jeito de viver a vida que é próprio da gente simples, e que talvez, por isso, não interesse nem possam ser aceitas pelos dominadores. Caso contrário, cessaria a dominação”

É, portanto, nas sendas sombrias da História que Paulina Chiziane mergulha para encontrar os meios para construção de uma África protagonista, de um povo assentado sobre suas próprias forças e capacidades de ressignificar o passado que lhes foi assaltado. É a manifestação misteriosa, sempre dinâmica e atual, do Deus-libertador no seio dos reveses da existência humana.

## Conclusões

Olhar para a obra de Chiziane como *locus theologicus*, isto é, buscar compreender sua literatura como fonte privilegiada da experiência teológica, não apenas se demonstrou possível, como inevitável. Certo de que o “Mistério nos ultrapassa como ultrapassa também nossa simples linguagem” (VILLAS BOAS; MANZATTO, 2016, p.07), o leitor de Chiziane se depara em sua poesia com uma verdadeira imersão transcendental, tendo a realidade e a história do povo africano como guias. Sua mística pode ser facilmente lida na perspectiva de olhos abertos de Johann Baptist Metz, com o destaque de que a abertura dos olhos de Paulina é capaz de fazer abrir igualmente a consciência e existência do leitor.

A teopoética presente na obra de Chiziane demonstra-se como uma fonte inestimável aos leitores das tradições abraâmicas, particularmente os oriundos do cristianismo. Se Metz (2013, p.62) está correto, como supõe-se que esteja, ao afirmar que “a esperança cristã só é algo mais que a projeção e diferente dela quando também é considerada uma esperança para esses outros, e diante desses outros”, então a poesia de Chiziane é uma autêntica expressão da esperança cristã. Mais do que uma esperança em chave escatológica, trata-se de uma esperança reconciliadora, capaz de reestabelecer na facticidade da vida africana a manifestação misteriosa do Deus-Amor que foi negligenciada e pervertida pelo colonialismo genocida dos últimos séculos.

É desta forma, portanto, que a pretensão de dialogar literatura africana decolonial com a mística de olhos abertos comprovou-se uma experiência tão fecunda quanto necessária. Paulina Chiziane e Johann Baptista Metz, representam dois polos que distam pelos cenários e culturas, mas estão intimamente conectados quando se encara a beleza de um Deus que insiste em se revelar dinamicamente na pluralidade. Do chão da literatura, brota a teologia, assim como do seio da história dos escravizados, nasce a mística de uma esperança libertadora.

### Referências bibliográficas

- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 3. n. 2, p. 9-30, nov./2000)
- CHENU, Marie-Dominique. La littérature comme "lieu" de la théologie. *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, n. 53, p. 70-80, 1969. <https://doi.org/10.3917/rspt.952.0217>
- CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte, MG: Nandyala, 2018.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as Escrituras*. Retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999
- METZ, Johann Baptist. *Mística de olhos abertos*. São Paulo, SP: Paulus, 2013.
- VILLAS BOAS, Alex. Recuperar a Lógica Póetica da Revelação. *Interações*, v. 11, n. 19, p. 61-86, 2 ago. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-2478.2016v11n19p61>. Acesso em 05 mai. 2021.
- VILLAS BOAS, Alex; e MANZATTO, Antonio. O Mistério que se faz Literatura. *Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias*, v. 6, p. 5, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/viewFile/30801/21362>. Acesso em 05 mai. 2021.